

El Quinto: no Matar – Contextos explicativos de la violencia en Colombia. FRANCO, Saul. Bogota: TM Editores, 1999. 208 páginas.

Maria Cecília de Souza Minayo
Paulo Cesar Pontes Fraga

Saul Franco é um dos pioneiros, na América Latina, dos estudos sobre o impacto da violência sobre a saúde. Mais que isso, Saul é um militante da causa, provocando o debate no setor, brandindo sua inquietação por esse mal estar civilizatório que se traduz em intolerância e morte. Seu campo de ação é primeiramente a Colômbia de onde parte para uma busca de compreensão e ação.

Seu livro “**El quinto: no matar**” é fruto de sua tese de doutorado defendida na Escola Nacional de Saúde Pública/Fiocruz em 1998, na qual o autor produz a síntese de seu pensamento. Fundamentado na epidemiologia, nas ciências sociais e no compromisso cívico, busca interagir com autores, organizar dados, investigar várias categorias sociais e integrar tudo isso, chegando a conclusões originais e inéditas.

No prefácio, Álvaro Camacho (co-orientador da tese junto com MCS. Minayo), dá um título a seu país, *Colombia Asesina*, repercutindo o que havia escrito Hobsbawm em 1986. Em seguida, relativiza esse forte epíteto, dizendo que é preciso compreender a complexa trama de situações históricas, culturais, econômicas e políticas que levam a configurar um povo como um dos mais violentos do mundo. É o que Saul faz, buscando nas diversas fontes disponíveis, os dados que o levaram a apresentar as cifras mais relevantes de homicídios nos últimos vinte anos no seu país, mostrando como as curvas são ascendentes, como se apresenta a realidade por faixas etárias, por gênero, como se distribuem no interior da Colômbia os riscos de morte por homicídios, e qual o peso dos óbitos por violência no conjunto da mortalidade geral. É impressionante, mesmo levando em conta toda a complexidade com que o fenômeno se apresenta, observar como pesam os números dos homicídios no perfil da expectativa de vida e nos anos potenciais de vida perdidos daquele país. Saul, como exímio epidemiologista, trabalha os dados, questiona-os, relativiza-os, mas demonstra também o quanto são importantes como indicadores de uma realidade social conflorada e internamente confrontada.

A magnitude dos números é de tal monta que Saul diz em seu livro se tratar de uma *epidemia*, a *epidemia da violência*, denominação da qual discordamos dele por causa da especificidade com que o termo se adequa ao tratamento das questões biomédicas. A problemática da violência é prioritariamente um tema do campo social, obviamente tendo implicações em todas as áreas, inclusive no âmbito emocional e biológico.

Mas não é só na abordagem epidemiológica que o trabalho de Saul contribui. Ele constrói os conceitos de “violência”, de “homicídio” e parte para estabelecer um perfil institucional da Colômbia,

buscando descrever e analisar o contexto histórico no qual se formaram os grupos para-militares e políticos, situação da qual emergiu e se expandiu o fenômeno do narcotráfico. Em seguida o autor aprofunda o que denomina o esquema lógico-conceitual onde se fundamentam suas hipóteses: o imbricamento entre iniquidade, impunidade e intolerância.

Apesar do esquema lógico-dedutivo parecer esconder uma tentação fundamentalista, a ida a campo e o trabalho de cunho etnográfico salvam a investigação de se tornar apenas uma reflexão filosófica. Tomam a cena por meio de uma abordagem qualitativa, todos os atores envolvidos no fenômeno da violência (população civil, militares e paramilitares, narcotraficantes, autoridades governamentais, de segurança e jurídicas, vítimas e grupos conflagrados). Esse exercício permitiu a Saul ler as falas, o que há por trás delas e desenhar uma tipologia discursiva sobre o fenômeno. Como numa construção intrincada, os dados, as idéias e os discursos são retomados e trabalhados magistralmente para compor as respostas à proposta inicial: a configuração dos contextos explicativos da violência na Colômbia.

À **conclusão** Saul chama **Inclusiones**. Analisa a importância do esforço da revisão documental, da análise quantitativa, da interlocução com os distintos atores implicados no problema da violência no país, reafirmando a necessidade de levarmos em conta a intrincada rede de relações que compõe o fenômeno, alertando que o contexto explicativo não pode ser compreendido apenas como pano de fundo e sim como componente essencial do problema. Evidencia as interações entre condições estruturais e processos conjunturais: “*el narcotráfico o el conflicto político-militar o el alejamiento del Estado de las prioridades sociales no son sólo los grandes disparadores de la violencia colombiana contemporánea. Ellos han empeorado las condiciones estructurales, se han entrecruzado entre sí y han penetrado los distintos órganos y sistemas de la vida nacional. En parte, lo constituyen y desde dentro del tejido nacional continúan animando más violencia, más inequidad, impunidad y intolerancia*”.

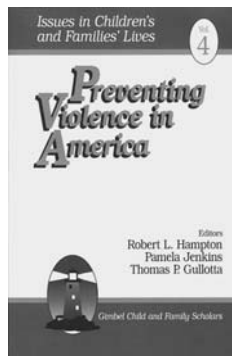
O autor reafirma a gravidade do que Hobsbawm e depois Camacho denominaram *Colombia Asesina*. Para uma população de cerca de 30 milhões de habitantes, em duas décadas morreram 338.378 mil pessoas, por homicídios, correspondendo a 74.5 por 100.000 em 1995, enquanto no Brasil (também um país violento), as taxas foram de 17.4 por 100.000, no mesmo ano. Por outro lado, Saul desmitifica a idéia de tudo atribuir ao narcotráfico. Ele é um fenômeno real, mas potencializado pelos altos níveis de iniquidade e pelo imbricamento político-econômico dos diferentes interesses envolvidos em seu processo. Igualmente mostra que a impunidade *endêmica* e o autoritarismo cultural têm um peso fundamental no problema colombiano.

Além de um sério (por vezes cartesiano) cientista, Saul é também um reconhecido militante no campo da Saúde Pública, portanto, para ele, a Co-



lombia é viável. Para ele, a superação das formas de violência que hoje aí se desenrolam implica numa prática de participação plena do Estado e da Sociedade com apoio da Comunidade Internacional, fundamentada numa vontade real de arriscar propostas inclusivas não convencionais. É interessante retomar o título do trabalho: “**El quinto: no matar**”. Muito se poderia discutir sobre o seu significado. Nele há força da expressão e economia de palavras. Porém, a nosso ver, esse nome de chamada parece

evocar muito mais. É como se o autor, ainda que um inegável agente político e social, se sentisse impelido a invocar a força divina que entregou as tábuas da lei a Moisés, no Monte Sinai, ordenando a seu povo que considerasse a vida humana um bem inalienável, da ordem do sagrado e do intocável. Por tudo o que foi dito e por muito mais que o leitor encontrará, para quem trabalha com o tema da violência, a obra de Saul é fundamental, obrigatória e de referência.



Preventing Violence in America (Issues in Children's and Families' Lives, Vol. 4). Organizado por Robert L. Hampton, Pamela Jenkins e Thomas P. Gullotta. SAGE Publications, Thousand Oaks, 1996. 311 páginas.

Maria Cristina Feijó

Centro Latino-Americano de Estudos em Violência e Saúde “Jorge Careli”, Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, feijo@rio.nutecnet.com.br

Preventing Violence in America é leitura essencial para quem trabalha na área de saúde e se preocupa com a prevenção da violência. Este é o quarto de uma série de cinco volumes enfocando temas sobre a vida de crianças e suas famílias. Cada volume trata de um determinado tema e procura analisar, integrar e criticar a literatura clínica e a pesquisa no assunto.

O livro divide-se em três seções. A primeira, compo-se de três capítulos, versa sobre o contexto social da violência, sendo o primeiro uma seleção de textos de Charles Dickens e Samuel Clemens (*Mark Twain*), ilustrando a presença da violência na literatura americana. Este capítulo pode ser pouco interessante para quem não está enfiado com este tipo de literatura e seu vocabulário. A seção seguinte consiste de cinco capítulos, explorando temas na tentativa de entender aspectos populacionais da violência e possíveis fatores preventivos. Ilustrações de uma série de esforços que estão sendo empregados para reduzir a incidência da violência nos Estados Unidos é o tema da terceira seção, que é estruturada em cinco capítulos.

Um ponto alto do livro é o capítulo cinco, onde o autor discute temas que estão muito em voga: resiliência, fatores de risco e fatores protetores. O paradigma acerca da criança resiliente veio se modificando, desde a década de 50 até hoje, quando um novo paradigma aborda uma forma positiva de prevenção primária, envolvendo três elementos: prevenção, proteção e promoção. Esta visão trabalha em três dimensões interligadas – prevenindo possíveis problemas, protegendo os componentes saudáveis que já existem na pessoa e/ou grupo e promovendo potenciais e resistências que ainda não existem na pessoa ou no grupo. *Strens* (experiências que produzem crescimento) é um novo con-

ceito lançado: existem na sociedade e na natureza muitas vivências que produzem crescimento, as quais devem ser introduzidas no trabalho com grupos ou com pessoas na prevenção da violência. É mais importante enfatizar este tipo de experiência do que lidar com os estresses, pois motiva mais as pessoas fazendo-as ver suas capacidades do que suas limitações.

Outro destaque é a importância do papel da espiritualidade, abordada no capítulo seis. Há um tabu acerca deste tema, principalmente entre os cientistas. Porém, não se pode negar os benefícios que a crença em um Ser Maior e em princípios éticos bem estruturados traz para afastar jovens e adultos de um comportamento violento. Quando os adultos estimulam os jovens a discutir assuntos controversos e com pontos de vista discordantes, como valores morais e fé, permitem, através de um processo dialético, que se promovam mudanças dentro do indivíduo e a criação de uma forma maior de crença. Não se discute aqui esta ou aquela religião, mas sim um sistema de crença que contenha a existência de alguma forma de poder maior, um quadro de referência que permita responder grandes questões da vida (quem eu sou; de onde eu vim), e um código de atitude e de comportamento.

O papel da mídia na promoção da violência é um assunto controverso, discutido de um ponto de vista mais positivo no capítulo sete e, de certa forma, contra-argumentado pelos autores do capítulo seguinte. A televisão pode ter um papel educativo e ensinar as crianças a desenvolverem um comportamento social positivo. Entretanto, o que se encontra mais comumente são programas e filmes que estimulam e ensinam comportamentos e táticas de violência. Dessa forma há que se concordar com Stephen Gardner e Hank Resnik, que utilizam a ilustração de um incidente em 1994, na Califórnia, quando um grupo de adolescentes que estavam assistindo ao filme *Schindler's List* vibrava entusiasmado ao assistir as cenas brutais de assassinato de judeus, para afirmar que os jovens de hoje estão mais embrutecidos pela constante exposição à violência através da mídia, tornando-se insensíveis e com falta de empatia para com o sofrimento humano.

O livro nos dá exemplos de modelos de prevenção já implementados e com resultados concretos, que funcionam com trabalho cooperativo e multi-

disciplinar. Um exemplo é o programa para prevenção de acidentes de trânsito, coordenado pelo Centro Nacional para Prevenção e Controle de Danos, do C.D.C. Este trabalho incluiu várias disciplinas, como epidemiologia, engenharia, ergonomia, biomecânica, educação, entre outras, utilizando novas tecnologias, como o cinto de segurança, para reduzir consideravelmente as taxas e os danos decorrentes de acidentes de trânsito.

Outro exemplo relatado é a Coalizão de Los Angeles, formada com três objetivos: reduzir a disponibilidade e o acesso a armas de fogo; mudar as regras da comunidade para evidenciar maior suporte para o comportamento não violento; criar e promover alternativas para a violência.

Uma abordagem escolar abrangente é o terceiro exemplo de programa de prevenção que vem sur-

tindo bons resultados. Aqui os professores são treinados com novas metodologias de ensino e relacionamento com os alunos para prevenção e intervenção do comportamento violento. Neste programa está envolvida a participação dos pais e da comunidade.

A prevenção da violência é, sem dúvida, uma questão de Saúde Pública e passa por programas de educação dos pais, crianças e comunidade, assim como pelo treinamento de profissionais para uma atuação mais eficaz, integrada e abrangente.

É necessário trabalharmos nos níveis de prevenção primária, secundária e terciária e, nas palavras de Pamela Jenkins, repensarmos a visão de que a pessoa violenta é o outro, *diferente de nós*, a fim de que possamos harmonizar as relações familiares e comunitárias.